

Revista PROJETER – Projeto e Percepção do Ambiente

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Reitor: José Daniel Diniz Melo

Pró-Reitora de Pesquisa: Sibebe Berenice Castellã Pergher

Pró-Reitor de Pós-graduação: Rubens Maribondo do Nascimento

Centro de Tecnologia - Diretora: Carla Wilza Souza de Paula Maitelli

Grupo de Pesquisa PROJETER - Coordenadora: Maísa Veloso

Conselho Editorial e Científico

Gleice Azambuja Elali – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal, Brasil)

Maísa Veloso – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal, Brasil)

Membros:

Angélica Benatti Alvim – Universidade Presbiteriana Mackenzie (São Paulo, Brasil)

Cristiane Rose de Siqueira Duarte – Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil)

Edson da Cunha Mahfuz – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Brasil)

Fernando Lara – University of Texas at Austin (Austin, Estados Unidos)

Flávio Carsalade – Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte, Brasil)

Hugo Farias – Universidade de Lisboa (Lisboa, Portugal)

Jorge Cruz Pinto – Universidade de Lisboa (Lisboa, Portugal)

Luiz do Eirado Amorim – Universidade Federal de Pernambuco (Recife, Brasil)

Lucas Peries – Universidade Nacional de Córdoba (Argentina)

Márcio Cotrim Cunha – Universidade Federal da Bahia (Salvador, Brasil)

Naia Alban – Universidade Federal da Bahia (Salvador, Brasil)

Nivaldo V Andrade Junior – Universidade Federal da Bahia (Salvador, Brasil)

Paulo Afonso Rheingantz – Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil)

Denise Alcantara – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro Seropédica, Brasil)

Edja F. Trigueiro – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal, Brasil)

Edna Moura Pinto – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal, Brasil)

Eduardo Taborda de Jesus – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Belo Horizonte, Brasil)

Gisele Reinado – Universidade Federal do Rio de Janeiro Rio de Janeiro Brasil)

Glauco Coelho – Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil)

Guilherme M. Paim – Universidade Federal do Amazonas (Manaus, Brasil)

Juliana Valverde – Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil)

Juliana V. Giese – Universidade Federal de Juiz de Fora (Juiz de Fora, Brasil)

Lourival Costa Filho – Universidade Federal de Pernambuco (Recife, Brasil)

Luiza H. Ferraro – Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis, Brasil)

Maria Dulce Bentes – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal, Brasil)

Monique Lessa – Universidade Federal Rural do Semi Árido (Pau dos Ferros, Brasil)

Nébora Lazzarotto Modler – Universidade Federal da Fronteira Sul (Erechim Brasil)

Rodrigo Baeta – Universidade Federal da Bahia (Salvador, Brasil)

Rosamônica Lamounier – Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte, Brasil)

Rosaria Ono – Universidade de São Paulo (São Paulo, Brasil)

Rubenilson B. Teixeira – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal, Brasil)

Solange Goulart – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal, Brasil)

Thyana Galvão – Universidade Federal de Pernambuco (Recife, Brasil)

Virgínia M. Queiroz – Centro Universitário Salesiano (Vitória, Brasil)

Pareceristas *ad hoc* desta edição

Antônio Baptista Coelho – Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa (Lisboa, Portugal)

Camila C. Resende – Universidade Federal da Paraíba (João Pessoa, Brasil)

Cibele Haddad Taralli – Universidade de São Paulo (São Paulo, Brasil)

Claudia M. Lyra Pato – Universidade de Brasília (Brasília, Brasil)

Capa e contracapa dessa edição: colagem artística de autoria de Juliana Valverde, trabalhada por Maria Safira Sinésio

ISSN: 2448-296X Periodicidade: Quadrimestral Idioma: Português

* O conteúdo dos artigos e as imagens neles publicadas são de responsabilidade dos autores.

Endereços: <https://periodicos.ufrn.br/revprojeter>

Centro de Tecnologia, Campus Central da UFRN. CEP: 59072-970. Natal/RN. Brasil.



REVISTA

PROJETER

Projeto e Percepção do Ambiente

v.11, n.1, janeiro de 2026

EDITORIAL

Mais um ciclo de vida se inicia. Como em anos anteriores, 2026 nos oferece inúmeras oportunidades para crescermos e evoluirmos juntos em busca de bem-estar e de qualidade de vida para todos. No entanto, e contraditoriamente, esse começo de ano também nos tem forçado a encarar a incoerência e a vulnerabilidade da condição humana, que reverberam em nossos contatos interpessoais, em nossas cidades, na relação entre países, no modo como tratamos a natureza que nos nutre e o planeta que nos abriga.

Diante deste cenário difuso – que, ao mesmo tempo, se faz incitante e imprevisível, otimista e temeroso, paciente e questionador –, o campo da Arquitetura e do Urbanismo precisa reinventar continuamente suas práticas, reafirmar seu compromisso social e definir posicionamentos éticos e resilientes frente à cada nova questão que surge. Na nossa condição de profissionais que lidam diretamente com o espaço, é fundamental desenvolvermos um olhar que contemple as profundas transformações, a crescente complexidade e a acentuada fragilidade experienciadas pela humanidade e pelo ambiente construído. Assim, a fim de colaborarmos para a promoção do equilíbrio ambiental essencial à nossa própria sobrevivência como espécie, mais do que apenas técnico, nosso desafio é existencial, ou seja, como alerta Ailton Krenak (2020)¹, nossas práticas cotidianas devem criar oportunidades para que *o sonho e a vida possam caminhar juntos*.

É sob essa ótica que publicamos nossa 31ª edição (v. 11, n. 1, janeiro/2026), iniciando o 11º ano de atividades da '**Revista PROJETAR – Projeto e Percepção do Ambiente**'. Já na capa, a colagem de Juliana Valverde² desafia nossa percepção ao nos defrontar com cortes, recortes, ângulos, cheios e vazios que privilegiam algumas facetas da realidade, porém limitam a compreensão de tantas outras. Tal multiplicidade de perspectivas também se faz presente nos treze (13) artigos que, agrupados nas seções ENSAIO, CRÍTICA, TEORIA E CONCEITO, ENSINO e PESQUISA, compõem esse número do periódico.

A Seção **ENSAIO** é constituída por dois artigos. O primeiro, '**Pilares, Pilões e Pétalas...**', de autoria de Daniel Mellado Paz, analisa três tipos de edifícios do Centro Administrativo da Bahia, projetados pelo arquiteto João Filgueiras Lima (Lelé), enfocando sobretudo o emprego do pilotis, não como elemento arquitetônico em si, mas como parte de determinadas estratégias de projeto. O segundo ensaio '**Cidade, Arquitetura e as Pessoas**' foi escrito por Adilson Macedo. Neste texto, o autor lança mão de duas situações de projeto - uma área localizada em Burlington na América do Norte e outra na cidade de Franca, Brasil - para demonstrar que *o espaço pode se revelar um lugar pela ação do projeto urbano*.

Na Seção **CRÍTICA**, apresentamos o artigo de Juliana Cavallini-Lendimuth, intitulado '**O maldito conjunto habitacional: a produção da habitação social à margem do Direito à Cidade**', que busca uma avaliação crítica sobre a produção habitacional de interesse social no período que compreende da ditadura militar até o processo de redemocratização do Brasil, destacando uma lógica de planejamento que *produz habitação em massa, de forma precária e excludente, e destina ao pobre as áreas periféricas das cidades, caracterizadas por uma urbanidade incompleta*.

A Seção **TEORIA E CONCEITO** contém dois textos. O artigo '**Neuroarquitetura, ambientes enriquecidos e cohousing: uma abordagem inovadora para o envelhecimento saudável em comunidade**', escrito por Ciro Férrer Albuquerque e Zilsa Santiago, destaca a relevância dos vínculos sociais, respaldada por evidências das *Blue Zones* e do estudo *LatAm-FINGERS*, incorporando o conceito neurocientífico de ambientes enriquecidos para qualificação desses espaços de moradia e convivência de pessoas idosas. Além de análise qualitativa de casos exemplares, são formuladas diretrizes de projeto para ambientes *que fomentem saúde e qualidade de vida em comunidade, promovendo sociabilidade, estímulos cognitivos, sensoriais e motores*. No segundo texto da seção, '**Sementes renascentistas do moderno**', Luis Fernando Seba examina *como a funcionalização se desenvolveu ao longo dos séculos, influenciada por mudanças sociais, tecnológicas e culturais*, distinguindo-a da noção de *funcionalidade, relacionada ao uso prático imediato dos espaços*. Ressalta, também, como essas mudanças refletem e moldam os modos de vida do moderno, *evidenciando um contínuo imbricamento entre arquitetura, espacialidade e cultura*.

A Seção **ENSINO** traz o texto de Bruna Sarmento, '**Reflexões sobre o Design Universal para a formação em Arquitetura e Urbanismo**'. Nele a autora apresenta um levantamento teórico reflexivo sobre o conceito, trajetória e curricularização do Design Universal (DU) no ensino superior e, mais especificamente, na Arquitetura e Urbanismo, destacando que *o foco do DU são as pessoas em toda sua diversidade, devendo o profissional arquiteto e urbanista estar apto a atender a todos*.

A Seção **PESQUISA** é formada por sete artigos que dialogam a partir do seu interesse pela vida cotidiana em espaços urbanos e pelos sentidos/significados da produção arquitetônica e urbanística contemporânea. Esse enfoque é claramente expresso no texto, '[Convivialidade em Arquitetura e Design: Revisão Sistemática da Literatura](#)', escrito por Carolina Mello, Paula Acosta e Fabiane Romano. Detectando crescente uso acadêmico do termo, as autoras constataam que ele tem sido associado a práticas colaborativas e que visam promover a convivência social e a sustentabilidade ambiental. Assim, se aproxima de iniciativas ligadas à participação das pessoas no processo de planejamento/projeto do ambiente construído, à apropriação dos espaços por diferentes grupos e ao fortalecimento de vínculos sociais mediados por questões espaciais.

Em continuidade, Juliana Santiago da Franca, Eunice Abascal e Raquel Cymrot nos trazem '[A dimensão lúdica: Desigualdades do direito a brincar em espaços públicos - Freguesia do Ó e Brasilândia \(São Paulo\)](#)', texto em que ressaltam o potencial transformador das práticas que privilegiam atividades socioculturais e inclusivas, sobretudo se elas forem incorporadas a programas, políticas e planos urbanos. Ainda no campo do uso de espaços livres pela infância, o artigo '[Apropriação das crianças com deficiência no Parque Santana Ariano Suassuna, em Recife/PE](#)', elaborado por Raul Oliveira, Joelmir Marques da Silva e Dayse Martins, mostra que barreiras físico-espaciais, limitações sensoriais e aspectos sociais dificultam a plena participação deste grupo, sendo essencial que, para acolhê-lo, as novas intervenções disponibilizem infraestrutura e sinalização condizentes, além de garantirem segurança e adequada manutenção aos equipamentos.

Também preocupadas com espaços livres urbanos, Ana Paula Begrow e Maíra L. Felipe refletem criticamente sobre o '[Parque Jardim Botânico de Florianópolis: Apropriação do espaço e Agenda 2030](#)', com ênfase para as metas II, III e VII relativas ao 11º Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU (associadas a transporte, planejamento participativo e segurança, respectivamente). O texto lista propostas dos participantes da pesquisa para a gestão sustentável dos espaços verdes públicos que priorizam o diálogo entre moradores e gestores e podem orientar políticas públicas para a área.

Na sequência, o artigo '[Rotas percebidas: Atributos ambientais e a atividade de corrida](#)', de Viviane Guariente e Milena Kanashiro, analisa atributos ambientais que, segundo a percepção individual de corredores, influenciam sua escolha dos locais para correr. Fornecendo informações essenciais para intervenções urbanas na escala do pedestre, as pesquisadoras ressaltam pavimentação, trânsito de pessoas, iluminação e declividade como fatores decisivos, os quais se aliam à preferência dos esportistas por rotas atrativas e que proporcionam segurança e conforto.

Visando ampliar a compreensão das relações estabelecidas entre a população e setores urbanos de valor cultural e patrimonial, Glenda Diniz Daltro nos oferece o texto '[História e memória: uma questão de identidade no centro histórico de Cuiabá - Mato Grosso, Brasil](#)', por meio do qual analisa criticamente a evolução daquela área. Finalizando a sessão e a presente edição da revista, o artigo escrito por Guilah Naslavsky e Rafaela Silva Lins, traz a temática '[Gênero, espaço e subjetividade na Igreja do Bom Samaritano em Recife-PE](#)', projetada pela equipe feminina que formava o escritório Arquitetura 4. Além de comentar e documentar a concepção da obra e pontuar sua demolição, em 2024, o texto ainda resalta duas importantes vertentes para continuidade dos estudos neste campo: averiguar a subjetividade inerente à arquitetura religiosa elaborada por mulheres, e dar maior atenção às questões de gênero que atravessam nossa produção arquitetônica.

Diante das muitas reflexões que este panorama colorido e diverso pode nos proporcionar, desejamos a todos/todas/todxs uma boa leitura, reiterando ser essencial abriremos canais de comunicação, vibrarmos positivamente e trabalharmos em conjunto a fim de tornar 2026 um ano produtivo porém leve, alicerçado pela tolerância e pela paz.

Natal, janeiro de 2026.

Gleice Azambuja Elali

Maísa Veloso

Editoras

NOTAS

¹ KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

² Arquiteta, artista plástica, mestre e doutora em Arquitetura e Urbanismo pelo PPGAU/UFRN.